

INTERDIÁLOGOS ENTRE POBRES CRIATURAS E FLORES PARA ALGERNON

Luiz Felipe Verçosa DA SILVA¹

Recebido: 19/02/2025
Aprovado: 03/08/2025

Resumo

Este estudo pretende realizar uma análise comparativa entre o filme *Pobres Criaturas* (2023) e o romance *Flores para Algernon* (1959), tecendo comentários críticos acerca do modo como o Cinema e a Literatura podem partilhar de elementos comuns, capazes de se aproximarem e gerarem novos efeitos de sentido. Para sustentar a nossa linha de argumentação, teremos como base as pesquisas de Hutcheon (2011), Müller (2012) e Ramazzina-Ghirardi (2022), responsáveis por pesquisas que problematizam, entre outros tópicos, as fronteiras que cercam as linguagens. Com base nesses postulados, buscamos refletir o possível fenômeno intermidiático que ocorre em *Pobres Criaturas*, do diretor grego Yorgos Lanthimos, observando a maneira como a jornada da protagonista do filme se aproxima com a do romance *Flores para Algernon*, do escritor estadunidense Daniel Keyes.

Palavras-chave: Cinema. Literatura. Intermidialidade.

INTERDIALOGUES BETWEEN POOR CREATURES AND FLOWERS FOR ALGERNON

Abstract

This study aims to conduct a comparative analysis between the film Poor Things (2023) and the novel Flowers for Algernon (1959), offering critical reflections on how cinema and literature can share common elements that allow them to converge and generate new meanings. To support our line of argument, we draw on the works of Hutcheon (2011), Müller (2012), and Ramazzina-Ghirardi (2022), whose research addresses, among other topics, the boundaries that surround different forms of language. Based on these theoretical frameworks, we seek to reflect on the possible intermedial phenomenon that occurs in Poor Things, directed by the Greek filmmaker Yorgos Lanthimos, by examining how the protagonist's journey in the film resonates with that of the novel Flowers for Algernon, written by the American author Daniel Keyes.

Keywords: Cinema. Literature. Intermediality.

Introdução

A experiência imersiva ocasionada por *Pobres Criaturas*, filme de 2023, incidiu em uma série de reflexões que motivaram a realização desta pesquisa. Uma delas, em especial, se dá por meio de uma possível aproximação do filme com elementos narrativos presentes no livro *Flores para Algernon*, escrito em 1959 por Daniel Keyes. A ideia central deste trabalho é, com base nessas inquietações de pesquisa, estabelecer um paralelo entre essas duas mídias, observando as possíveis semelhanças que marcam o modo como os autores construíram a jornada dos seus protagonistas.

¹ Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com bolsa financiada pela CAPES.

DA SILVA, Luiz Felipe Verçosa. Interdiálogos entre pobres criaturas e flores para algernon . In: Revista *Falas Breves*, no.14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069



Para sustentar a nossa linha de argumentação, tomaremos como base alguns comentários teóricos de autores como Hutcheon (2011), Müller (2012) e Ramazzina-Ghirardi (2022), que serão basilares para estruturar uma leitura crítica que perpassa a linha dos estudos voltados aos processos de adaptação e intermidialidade, frentes de pesquisa que acompanham as incursões/mutações que a linguagem estabelece com outros formatos de mídias.

Nosso objetivo, com esta pesquisa, é tornar concreta essa hipótese de análise e tentar dar significado às interpretações que nos atravessaram durante a experiência cinematográfica com *Pobres Criaturas*. Sendo assim, esperamos, com este trabalho, poder compartilhar um pouco das nossas leituras sobre o filme e oferecer, a partir dos pressupostos evocados anteriormente, outro panorama de análise sobre a produção do cineasta grego Yorgos Lanthimos, um dos destaques no *Oscar 2024*.

Adaptação e intermidialidade: questões fundamentais

Ao se propor a desenvolver uma reflexão crítica que visa analisar possíveis interações entre Cinema e Literatura, estamos diante de uma linha de argumentação que contempla os elos dialógicos envoltos sob as linguagens. Para sustentar um percurso analítico a partir desses temas, é possível recorrer, a princípio, a dois estudos: o da *Teoria da Adaptação* e o da *Intermidialidade*. Essas duas correntes nos darão a possibilidade de investigação de um fenômeno da linguagem por meio de um olhar interdisciplinar, que, entre outras coisas, acolhe a intersecção entre sistemas semióticos.

Hutcheon (2011), por exemplo, nos conduz a reflexões que enxergue a linguagem do Cinema com um produto que se alimenta de outras linguagens, como a Literatura. Sua obra, *Uma Teoria da Adaptação*, de 2011, é primordial para pesquisas pautadas no discurso cinematográfico e não apenas na estrutura técnica da montagem de um produto audiovisual.

Com base na sua *Teoria da Adaptação*, podemos refletir sobre o objeto artístico considerando todas as suas composições nucleares e não apenas a adaptação em si, mas também os elementos que enriqueceram e impulsionaram esse processo, como as leituras e experiências que se fecundaram e se converteram em material de linguagem. No entanto, enquanto lente de pesquisa, a teoria de Hutcheon (2011), tem como objeto principal o elo entre Literatura e Cinema, em uma investigação que se propõe a discutir a transposição de uma mídia a outra. Isto é, a releitura de uma obra literária, por exemplo, em uma produção audiovisual.

Com bases nessas informações, notamos o quanto essa teoria contém algumas limitações que, para o contexto desta pesquisa, torna-se insuficiente, pois não estamos sugerindo que há um processo de adaptação entre *Pobres Criaturas* e *Flores para Algernon*, mas sim que, na tessitura técnica da montagem do filme, existem tópicos discursivos-temáticos que se aproximam do mote narrativo do livro, como, por exemplo, a discussão ético-moral acerca de experimentos clínicos realizados com humanos, tema muito comum em produções de ficção científica, como é o caso do filme de Lanthimos e do romance de Keyes.

A partir deste panorama teórico, entendemos que o método mais viável de se problematizar esse fenômeno seja por meio das conceituações da *Intermidialidade*, linha de pesquisa que visa investigar as interações que ocorrem entre diferentes mídias e não apenas entre Literatura e Cinema, como ocorre na Teoria da Adaptação. Para Müller:

A intermedialidade se define, *grosso modo*, como a relação que se estabelece entre diversas mídias e produtos midiáticos, e que estes estabelecem entre si, através de processos de adaptação, citação, hibridização etc., ressaltando a *medialidade* de sua constituição e do seu sentido. (Müller, 2012, p. 170).

Entretanto, é válido destacar que, embora as pesquisas mais recentes já venham sinalizando para essa abertura entre as fronteiras da linguagem, ainda é comum nos depararmos com estudos que se ancoram em métodos categóricos, que utilizam *conceitos-chave* para identificar e/ou analisar inter-relações entre obras.

Neste trabalho, buscamos nos contrapor a essa convenção teórica. Não iremos refletir conceitos e aplicá-los em nossas análises. Ao contrário, teceremos comentários sobre as principais bases desses estudos e, a partir dessas fundamentações, defenderemos a nossa perspectiva, que parte de um princípio de análise que se centra em verificar potenciais formas de interação entre a estética do cinema com elementos presentes na literatura de ficção científica.

Através dessa perspectiva, podemos compreender que essa corrente de pesquisa contempla discussões que, não necessariamente, enxergam as aproximações entre mídias a partir de um conceito fechado, como, por exemplo, pensar essas prováveis aproximações a partir de uma noção de influência e/ou dependência, mas sim, em uma compreensão ampla, que abarca os interdiálogos inconscientes/involuntários entre obras distintas em tempo e espaço.

Por essa razão, escolhemos nos guiar por meio de uma perspectiva que compreenda a *Intermidialidade* através de todas as suas inúmeras variações de sentido metodológico, que podem abranger desde processos de adaptação, de tradução intersemiótica, de intertextualidade ou de transposição midiática. Segundo Ramazzina-Ghirardi (2022, p. 18):

Ainda que a intermidialidade tenha se propagado inicialmente no campo das artes e da literatura e os estudos sobre intertextualidade, ela supera essas primeiras perspectivas ao dar ênfase à materialidade dos produtos de mídia sem limitar sua perspectiva à dimensão dos objetos em questão.

Além disso, entendemos que, dentro da estrutura que pretendemos formular neste artigo, ampliar esse conceito de *Intermidialidade* nos permitirá se movimentar, de maneira mais fluida, dentro dos problemas de pesquisa que buscamos analisar. Ou seja, ao contemplar todas essas perspectivas em um único conceito, poderemos nos livrar de enlaces teóricos que limitem o nosso objeto de estudo. Sendo assim, trabalharemos com as noções de *Adaptação* alinhadas aos *Estudos da Intermidialidade*.

A partir dessas considerações, lançaremos o olhar ao filme *Pobres Criaturas* (2023) e ao livro *Flores para Algernon* (1959). Durante nossa discussão, nos pautaremos em destacar o modo como ambas as produções refletem, a partir da experiência de *Bella Baxter* e *Charles Gordon*, seus protagonistas, os dilemas que atravessam as fronteiras da ciência e da criação humana.

Portanto, com base nessas questões fundamentais, nosso foco é analisar a jornada de cada personagem, destacando de que maneira suas trajetórias se aproximam a partir das estratégias narrativas utilizadas pelos autores na construção de seus protagonistas.

Pobres Criaturas: uma obra a reluzir alusão

Pobres Criaturas foi um dos destaques do Oscar 2024, vencendo três estatuetas, entre elas, a de Melhor Atriz, para a estadunidense Emma Stone. A narrativa cinematográfica, que é uma adaptação do romance homônimo escrito, em 1992, pelo britânico Alasdair Gray, conta a história de *Bella Baxter*, uma jovem da Era Vitoriana que faz parte de um experimento humano conduzido pelo médico *Godwin Baxter*, conhecido como *God*.

Na trama, o corpo da protagonista é violado após um suicídio e trazido à vida através das intervenções médicas de *God*, que retira do útero da personagem (grávida) o cérebro do seu bebê, ainda com vida, e o recoloca no crânio de *Victoria*, nome real da personagem. Ao realizar esse experimento, no mínimo, antiético, *Victoria* retorna à vida, sob o nome de *Bella Baxter*.

Por meio dessa descrição, percebe-se que *Pobres Criaturas* (2023) se lança como uma obra de ficção científica e, ao acompanhar a narrativa do filme, é possível constatar que, além de um interdiálogo com o romance *Flores para Algernon* (1959), do qual iremos aprofundar nas próximas linhas, há uma rememoração intermidiática/intertextual com o romance *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, escrito pela britânica Mary Shelley, em 1818, que também narra a história de um experimento realizado em seres humanos.

O sobrenome de um dos personagens do filme, o médico *Godwin Baxter*, é o mesmo sobrenome de solteiro da autora de *Frankenstein*, Mary Wollstonecraft Godwin, que, ao se casar com o também escritor Percy Bysshe Shelley, adotou seu sobrenome. Diante disso, entendemos que essa “coincidência” não é aleatória, mas representa uma homenagem que Alasdair Gray presta à vida e à obra de Shelley, e que Yorgos Lanthimos mantém em seu projeto audiovisual.

A partir dessa reflexão, defendemos que *Pobres Criaturas* (2023) é uma obra atravessada por interdiálogos implícitos e/ou explícitos, como a menção/homenagem à Mary Shelley, os quais podem ser percebidos através da experiência de cada espectador ou por meio de uma investigação minuciosa, que se inicia na leitura do texto que referenciou o filme, o romance de Gray, lançado em 1992.

Neste trabalho, o nosso foco está em explorar outras possíveis aproximações, como, por exemplo, com o romance *Flores para Algernon* (1959), um clássico da literatura de ficção científica estadunidense. Em nossa hipótese, esse diálogo entre o filme e o livro, assim como o que ocorre com *Frankenstein*, é uma forma de homenagear a história da literatura de ficção científica, gerando uma teia intermidiática que estabelece conexões entre o passado e o presente, refletindo a maneira como a humanidade tende a acompanhar os avanços tecnológicos e sua própria evolução enquanto espécie.

Desta forma, para além de um possível interdiálogo, *Pobres Criaturas* (2023) propõe uma discussão sobre o futuro da humanidade e da sua capacidade de recriar a partir da criação. Sendo

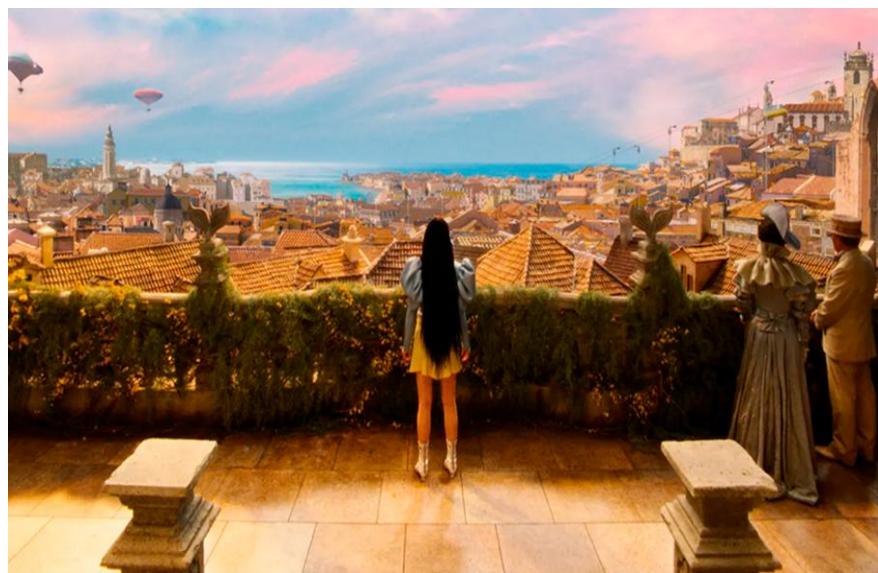
assim, mais do que uma imersão ao passado como diagnóstico do presente, essa narrativa cinematográfica busca projetar no futuro um alerta sobre os riscos do presente.

Já em relação aos possíveis diálogos intermidiáticos entre o filme *Pobres Criaturas* (2023) e o romance *Flores para Algernon* (1959), essas prováveis aproximações se dão no campo do estudo dos personagens, mas especificamente na trajetória que os protagonistas seguem em suas narrativas. Ambos os personagens, *Bella Baxter*, de *Pobres Criaturas*, e *Charlie Gordon*, de *Flores para Algernon*, são frutos de experiências clínicas (um tanto questionáveis) e refletem a essência da descoberta.

Baxter, privada da oportunidade de ser e existir, foge das rédeas de *God* e vai experientiar o viver; aquilo que está além das fronteiras que cercam a sua percepção. *Baxter*, enquanto invenção, foi criada com um único propósito: servir como cobaia de um experimento médico sobre a possibilidade de seres humanos replicarem a sua própria espécie. Ou seja, em uma visão religiosa, de se aproximar da divindade e da sua capacidade de criação de um material orgânico capaz de racionalizar e rivalizar com o humano.

Ao se permitir essas experiências, *Baxter* vai desenvolvendo suas capacidades cognitivas e formulando seus princípios e valores morais. Desta forma, a personagem quebra os paradigmas que lhe foram impostos e transcende a sua capacidade de refletir o mundo a partir do seu lugar. Isto é, de uma mera *criatura* usada para testes clínicos, ela se torna a própria *criação*, capaz de entender o seu entorno e questionar aquilo que está posto.

Fig. 1. Cena de *Pobres Criaturas*.



Fonte: Yorgos Lanthimos (2023).

Do mesmo modo, vemos na narrativa de Daniel Keyes, em *Flores para Algernon* (1959). O protagonista, *Charlie Gordon*, é usado em um experimento que visa provar que é possível impulsionar a capacidade humana de adquirir e expandir o conhecimento. *Gordon* é um homem com deficiência intelectual, incapaz de discernir sobre o certo e o errado e questionar a sua própria existência. Desamparado socialmente, ele trabalha em uma padaria em um regime que se aproxima da escravidão. É mal remunerado, não tem direitos trabalhistas e vive à mercê dos ditames do dono do estabelecimento, que, por pena do personagem, o mantém no cargo e o ajuda com a moradia.

Em um sopro de lucidez, *Gordon* é convencido a participar de um experimento clínico que prometia aumentar o Q.I. de pessoas com deficiência intelectual. Até obter os primeiros progressos, *Gordon* viveu sob um regime intenso de testes clínicos, que expuseram seu corpo ao extremo. Quando, finalmente, os efeitos começaram a surgir, o personagem, antes incapaz de compreender o mundo e as configurações do existir, começou a questionar a própria natureza, afastando-se de qualquer dogma moral que o impedia de enxergar além do que lhe era imposto.

Porém, apesar da expansão mental, o conhecimento trouxe sofrimento para *Gordon*, que agora era capaz de perceber as desigualdades que permeavam a sua realidade. Aos poucos, a sabedoria do personagem transformou-se em sofrimento, levando-o a um estado de negação e conflito com a sua própria existência. De um lado, havia o prazer da descoberta; de outro, o medo da verdade, como DA SILVA, Luiz Felipe Verçosa. Interdiálogos entre pobres criaturas e flores para algernon . In: Revista *Falas Breves*, no.14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

podemos observar neste trecho do livro-diário: “Charlie não quer que eu perfure a cortina superior da mente. Charlie não quer saber o que o aguarda além. Ele teme ver Deus? Ou não ver nada?” (Keyes, 2018, p. 259)."

Já com *Baxter*, foi o contrário. Para ela, o conhecimento serviu como alavanca para uma emancipação existencial, pois antes a personagem era, somente, uma cobaia de um médico heterodoxo, que ignorava os limites éticos da ciência em nome de suas vontades de provar as suas mais variadas hipóteses médicas. Com efeito, mesmo os personagens tendo relações opostas ao evoluírem existencialmente, ambos perceberam a crueldade que atravessava as relações humanas. Isto é, o conhecimento os permitiu sair de suas cavernas e os levou a perceber o mundo e as dicotomias que fundem as estruturas sociais da humanidade.

Baxter, por exemplo, enfrentou esses dilemas e buscou se adaptar, tornando-se, posteriormente, capaz de gerenciar suas próprias limitações e ultrapassar as expectativas que lhe foram colocadas, pois, se antes ela era uma criatura, agora ela tornou-se uma criadora. Seu desfecho foi altivo e nos provoca um sentimento de satisfação por tudo aquilo que a personagem precisou ultrapassar para chegar até ali.

Já *Gordon*, em oposição, não soube gerenciar seus conflitos internos e se isolou do convívio social, pois a pulsão de conhecimento foi tanta que o imobilizou da capacidade de se reerguer e reagir frente às problemáticas. Seu desfecho foi melancólico e triste, mas ao mesmo tempo foi belo e emocionante, pois revelou a face mais singela que permeia a natureza humana: a imperfeição.

Com esse final, a mensagem que *Flores para Algernon* busca deixar é que não há nenhum procedimento médico que seja capaz de impulsionar as capacidades de pensar, contemplar ou mudar o mundo. No fundo, todos os seres humanos dispõem das mesmas capacidades biológicas de evoluírem e produzirem conhecimento.

Dessa forma, é possível formular o argumento de que *Pobres Criaturas* (2023) e *Flores para Algernon* (1959) partilham de temas semelhantes e, a partir da jornada de autodescobrimento de seus protagonistas, nos revelam que, apesar de serem cobaias, *Bella Baxter* e *Charles Gordon* foram capazes de subverter a sua própria criação e entender a sua própria natureza. Ambos os personagens,

nesse sentido, se tornaram capazes de diagnosticar a realidade e atribuir significado para as suas existências.

Baxter assumiu o papel de *God* e tornou-se uma criadora. Já *Gordon*, apesar de seu final trágico, conseguiu se livrar das amarras da sua própria deficiência e entender aquilo que lhe atravessava enquanto emoções e sentimentos. Sua existência, nesse caso, por mais curta que tenha sido, foi preenchida de significado, capaz de fazê-lo perceber a grandeza que havia na ignorância. Portanto, *Baxter* e *Gordon*, que antes eram controlados, agora tornaram-se senhores dos seus próprios destinos.

Conclusão

No momento em que decidimos escrever este trabalho, tínhamos como foco observar a maneira como diferentes linguagens em diferentes tempos podiam partilhar de elementos em comum, mesmo não estabelecendo uma relação de adaptação e/ou tradução intersemiótica, por exemplo. O objetivo, nesse caso, era tecer considerações que sustentassem a hipótese de que a linguagem artística é capaz de se multiplicar em diversos sistemas de representações de signos semióticos, como o cinema, a literatura, o teatro, a música, etc.

A partir deste mote argumentativo, chegamos a *Pobres Criaturas*, um filme de 2023 que provocou uma série de discussões a respeito da estética adotada por seu diretor, conceituado em produzir obras com o teor do estranhamento. Nesta produção, em especial, Lanthimos explora uma composição visual marcada pela fusão entre a ficção científica e elementos visuais da cultura *Steampunk*, combinação que articula referências da *Era Vitoriana* a componentes tecnológicos e futuristas.

Além desses recursos estéticos visualizados na experiência visual do longa-metragem, percebemos certas similaridades entre o roteiro e a montagem com tópicos ligados à literatura, sobretudo a obras de ficção científica. E, ao investigar essas possíveis aproximações, notamos que Lanthimos manteve em sua narrativa cinematográfica menções e alusões a grandes clássicos da literatura mundial, como *Frankenstein*, de Mary Shelley, como destacamos no início do trabalho. Verificamos, ainda, que a problemática existencialista proposta no filme se aproxima da presente no

romance *Flores para Algernon* (1959), pois ambas as produções partem de uma reflexão acerca da busca por identidade e pertencimento.

Portanto, ao refletirmos sobre os efeitos de sentido acionados na experiência de *Pobres Criaturas* (2023), notamos o quanto a obra é formada sob vários elos intermidiáticos que podem ser relacionados na maneira como o filme se configura enquanto produto cultural e no modo como a jornada de sua protagonista, *Bella Baxter*, se assemelha a de *Charles Gordon*, protagonista do romance *Flores para Algernon* (1959).

Referências

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

KEYS, Daniel. **Flores para Algernon**. São Paulo: Aleph, 2018.

LANTHIMOS, Yorgos. **Pobres Criaturas** (Poor Things). Estados Unidos, Reino Unido, Irlanda: Element Pictures, Film4, Searchlight Pictures, 2023. Filme.

MÜLLER, Adalberto. **Linhas imaginárias: poesia, mídia e cinema**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RAMAZZINA GHIRARDI, Ana Luiza. **Intermidialidade: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2022.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o Prometeu Moderno**. Rio de Janeiro: Clássicos Zahar, 2020.